

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS: UM ESTUDO A PARTIR DE NARRATIVAS SINALIZADAS

ISABELLE PINHEIRO FAGUNDES

Professora da Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi Árido - RN (UFERSA); Mestra em Ensino pela Universidade Federal Rural do Semi Árido - RN (UFERSA/POSENSINO); Doutoranda em Ensino e Linguagem da Universidade Federal de Campina Grande - PB (UFCG/PPGLE), isabelle.fagundes@ufersa.edu.br;

ROMÁRIO DA COSTA VIEIRA

Graduando da Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi Árido - RN (UFERSA), romariovieira21@gmail.com;

GIRLEUDO DE SENNA

Graduado na Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi Árido - RN (UFERSA), girleudopintor@hotmail.com;

RESUMO

Quais experiências marcaram e/ou marcam as trajetórias de professores surdos do curso de Letras Libras de uma universidade pública no interior do Brasil? O que pode ser evidenciado nas narrativas (auto)biográficas como elementos relevantes para pensar o processo de ensino de Libras por professores surdos? Como suas narrativas de vida podem nos ajudar a pensar a formação docente? Esses questionamentos mapearam as preocupações iniciais e guiaram a trajetória metodológica desta pesquisa, que se basearam nos princípios de Jovchelovich e Bauer (2002), Passeggi (2010, 2011, 2014, 2016), Ferrarotti (2014) e Souza (2016) e Quadros (1998). Os participantes foram 05 (cinco) professores surdos do curso de licenciatura em Letras Libras de uma universidade federal na cidade de Caraúbas/RN. O *corpus* para análise da pesquisa constitui-se de cinco entrevistas narrativas sinalizadas e transcritas. Das análises, destacamos dois eixos: 1. Família: a força propulsora para realização dos sonhos; 2. Profissão docente: um desafio a superar, um sonho a se realizar. Com as narrativas dos professores aprendemos que o processo de escolarização e formação de um indivíduo surdo é uma batalha física e emocional diária, que demanda tempo, resiliência e força diariamente para romper um silenciamento familiar, social, escolar e profissional que os cercam.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas sinalizadas. Experiência. Professor surdo. Libras.

INTRODUÇÃO

A pesquisa (auto)biográfica em Educação tem como um de seus princípios basilares o uso de narrativas na primeira pessoa como elemento fundamental para investigar e entender a complexidade da maneira como os indivíduos percebem sua condição humana em diferentes momentos e contextos da vida. O presente estudo é resultado de uma pesquisa, em andamento, que tem como objetivo apresentar as narrativas (auto)biográficas como método de formação docente, nossas preocupações iniciais se expressam nos seguintes questionamentos: Quais experiências marcaram e/ou marcam as trajetórias de professores surdos que atuam na Licenciatura em Letra Libras de uma universidade pública no interior do Brasil? O que pode ser evidenciado nas narrativas (auto)biográficas como elementos relevantes para pensar o processo de ensino de Libras por professores surdos? Como suas narrativas de vida podem nos ajudar a pensar a formação docente? Desejamos contribuir com a produção de conhecimento no campo da formação docente e da pesquisa (auto)biográfica em educação.

Participaram da nossa pesquisa 05 (cinco) professores surdos do curso de licenciatura em Letras Libras de uma universidade pública, localizada na cidade de Caraúbas, município do Rio Grande do Norte. Nosso intuito é, também, o de identificar nas narrativas dos professores sinais que nos ajudem a delinear perfis familiares, sociais e históricos dos professores surdos que atuam na licenciatura de Letras Libras na nossa universidade, bem como pensar estratégias de ensino para os alunos, principalmente, os alunos surdos que estão na graduação, que também tiveram marcas significativas em seu processo de escolarização.

Buscamos aqui apresentar resultados obtidos a partir das análises dessas narrativas, que vêm nos permitindo obter entendimento de elementos importantes sobre a percepção dos professores acerca de seus percursos de escolarização, ingresso na universidade, de suas trajetórias de formação e atuações enquanto docentes.

Nosso trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: *Procedimentos metodológicos* que consiste em explicar como e quais processos escolhemos para coleta e análises de nossas narrativas; *A experiência de formação: relatos constitutivos de professores surdos*, nesse tópico analisamos e discutimos alguns trechos das narrativas dos professores, as análises então separadas em dois eixos 1. *Família*: a força propulsora para realização

dos sonhos. Com relação ao primeiro eixo, observamos que nas narrativas dos professores as experiências que marcaram suas trajetórias de vida estão relacionadas as memórias familiar, adversidades de escolarização, impostas por preconceitos e falta de acessibilidade linguística e a falta de empatia por parte dos que compunham a escola; todavia, é na família que está a força para realizar o sonho de continuar a luta para estudar, passar no vestibular, entrar e concluir o Ensino Superior e hoje torna-se um profissional qualificado. 2. Profissão docente: um desafio a superar, um sonho a se realizar. No segundo eixo, os colaboradores da pesquisa nos mostram que suas histórias podem nos ajudar a pensar o ensino de Libras como primeira língua e como segunda língua, a partir de suas experiências enquanto alunos, e, hoje, enquanto professores. E por fim, *Considerações (semi) finais*, tópico reservado para reflexões acerca de nossas impressões das análises das narrativas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa que se fundamenta nos princípios da investigação qualitativa em educação (LÜDKE e ANDRÉ, 2015). Realizada por alunos de mestrado e participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação (GEPNAE), que incluiu além dos pesquisadores e a orientadora, cinco professores da licenciatura em Letras Libras de uma universidade pública do interior do Brasil. No quadro 01 apresentamos os participantes:

Tabela 01: Perfil dos participantes

Nome	Idade	Idade que adquiriu a surdez	Cidade/Estado
Apolinário	31	2 anos	Mossoró / RN
Ferreira	35	1 ano	Salgado de São Felix / PB
Graça	40	1 ano	Fortaleza/ CE
Nina	44	2 anos	Mossoró / RN
Silva	26	4 anos	Natal / RN

Fonte: Dados da pesquisa

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa utilizamos como procedimento metodológico as entrevistas narrativas, que segundo Schutze (2010), é uma técnica específica de coleta de dados, uma entrevista com perguntas abertas e uma forma de encorajar os entrevistados, pois as perguntas

abertas possibilitam ao entrevistado relatar seus pensamentos e opiniões. Mas, é relevante destacar ainda que, a entrevista precisa ser conduzida de maneira consciente e natural, evitando excessos por parte do entrevistador desde a fala demasiada a ausência de expressão como o silêncio profundo.

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Foi realizado um encontro com cada um dos colaboradores da pesquisa, vale ressaltar que esses encontros foram feitos de maneira individual. Mas antes de marcar as entrevistas narrativas apresentamos-lhes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas modalidades, escrita e sinalizada, pois os sujeitos são surdos e tem como sua primeira língua a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e como segunda, o Português na modalidade escrita. Dessa maneira, os sujeitos cientes dos riscos e benefícios da pesquisa iniciamos os encontros de acordo com a disponibilidade de cada colaborador.

Então, seguindo as orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002), que separam em cinco fases, que são: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. Os autores acrescentam ainda que as entrevistas narrativas propõem-se a estimular e encorajar o entrevistado ou colaborador da pesquisa a falar sobre sua história ou sobre algum acontecimento importante de sua vida e/ou contexto social. Para seguir as orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002), fizemos uso das “regras” apresentadas por eles. Segue abaixo uma tabela apresentando as fases principais e as “regras” das entrevistas narrativas.

Quadro 02: fases principais da entrevista narrativa

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo; Formulação de questões exmanentes.
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração; Emprego de auxílios visuais (opcional).

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a Narração. Esperar para sinais de finalização (“coda”).
Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”. Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas do tipo “por quê?”. Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
Fala conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: JOVCHELOVITCH E BAUER (2002) / Grifos nossos

Sobre o processo de entrevista narrativa, ressaltamos ainda que desde o princípio os colaboradores da pesquisa são informados sobre o contexto e procedimentos da entrevista narrativa. Assim, nós, apresentamos a pergunta indutora que podemos considerá-la o princípio das narrativas. Jovchelovitch e Bauer (2002), dissertam ainda sobre os critérios de elaboração dessa questão norteadora que devem seguir as seguintes orientações:

- Precisa fazer parte da experiência do informante, para garantir o seu interesse e uma narração rica em detalhes.
- Deve ser de significância pessoal e social, ou comunitária.
- O interesse e o investimento do informante no tópico não devem ser mencionados, para evitar que se tomem posições ou se assumam papéis já desde o início.
- Deve ser suficientemente amplo para permitir ao informante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, leve à situação atual.
- Evitar formulações indexadas, ou seja, não referir datas, nomes ou lugares, os quais devem ser trazidos somente pelo informante, como parte de sua estrutura relevante.

Compreendemos a partir das orientações acima, a relevância e delicadeza na condução das entrevistas narrativas, bem como a responsabilidade e a ética na coleta e análise das narrativas, esses dois elementos são imprescindíveis para o resultado da pesquisa. Outros fatores relevantes que podemos destacar são: o bom acolhimento, prévios e devidos esclarecimentos, a

escuta comprometida e a capacidade de interação com o colaborador, essas coisas somadas, possibilitará resultados satisfatórios.

A partir das entrevistas narrativas realizadas com os professores surdos, foi sendo delineado o *corpus* para análise, no qual para esse trabalho separamos dois eixos 1. Família: a força propulsora para realização dos sonhos; 2. Profissão docente: um desafio a superar, um sonho a se realizar. A seguir, apresentamos os resultados das primeiras análises.

A experiência de formação: relatos constitutivos de professores surdos

A análise dos dados é sempre uma tarefa delicada, desafiadora e que demanda tempo para ler e reler as transcrições. Destacamos a atenção com o rigor científico, cuidado pelas histórias narradas, bem como o respeito aos colaboradores da pesquisa que se dispuseram a expor suas histórias e nos permitiram conduzir e publicizar o presente estudo. Para a análise dos dados, seguimos as orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002) no que concerne à análise temática. Os autores aconselham que as narrativas devem ser distribuídas em três colunas, sendo a primeira com a narrativa na íntegra; a segunda com a primeira redução ou paráfrase; e a terceira com as palavras-chave ou palavras-temática.

As reflexões iniciais das narrativas, nos direcionaram para discussão de dois eixos temáticos de análise: 1. *Família*: a força propulsora para realização dos sonhos; 2. *Profissão docente*: um desafio a superar, um sonho a se realizar. Com relação ao primeiro eixo, observamos que nas narrativas dos professores as experiências que marcaram suas trajetórias de vida estão relacionadas às memórias familiares, adversidades de escolarização, impostas por preconceitos e falta de acessibilidade linguística e a falta de empatia por parte dos que compunham a escola; todavia, é na família que está a força para realizar o sonho de continuar a luta para estudar, passar no vestibular, entrar e concluir o Ensino Superior e hoje tornar-se um profissional qualificado. No segundo eixo, os colaboradores da pesquisa nos mostram que suas histórias podem nos ajudar a pensar o ensino de Libras, a partir de suas experiências enquanto alunos, e hoje, no papel de professores, bem como perceber por outra perspectiva o indivíduo surdo. Perceber o surdo como sujeito de dores, mas de entusiasmo, de sonhos, mas de realizações, silenciado, mas não omissos de suas próprias convicções.

A discussão que faremos a seguir segue como orientação dos eixos definidos, embora nos esforcemos para não engessar as vozes dos participantes nas categorias de análise.

1. *Família*: a força propulsora para realização dos sonhos

Um dos lugares mais favorecido e seguro para entendermos a realidade da construção social é a família, isso porque é por meio dela que começamos a nossa socialização. A família enquanto instituição vem se transformando, assim como sua estrutura ao longo dos tempos vem estabelecendo novos arranjos.

Logo, é importante destacar que as experiências relativas a socialização da criança tanto em contexto familiar quanto em outros contextos de relações sociais, como a escola, é compreendida como fundamental e indispensável para o seu desenvolvimento social, emocional, cognitivo, linguístico e discursivo. Fundamentados nesse pressuposto, entendemos que a interação linguística entre mãe e filhos por meio das relações dialógicas favorece o desenvolvimento da criança (GOLDFELD, 2002, p. 160).

Os pais e profissionais devem sempre informar a criança sobre os eventos que ela participa, as situações vividas, lembrar de fatos ocorridos e também falar sobre assuntos referentes ao futuro. Não basta que a criança surda aprenda a língua de sinais na escola ou na clínica de reabilitação. Esta língua deve estar sempre presente e, assim como para crianças ouvintes, os assuntos abordados devem ser cada vez mais complexos e abstratos (GOLDFELD, 2002, p. 162).

Isso não se difere na vida do surdo, o núcleo familiar tem um papel importante para socialização desse indivíduo, bem como no ingresso e permanência dele na escola. A partir das análises das narrativas sinalizadas dos professores surdos percebemos o começo de uma história de resistência, o quanto a família consanguínea foi importante na vida desses sujeitos.

Passeggi (2010), afirma que narrar a própria vida é uma ação humana espontânea, mas para alguns pode ser uma oportunidade de falar si, de refletir sobre si, sobre a família, sobre os espaços sociais que os sujeitos ocupam. Iniciamos nossas análises percebendo a importância das famílias na vida desses surdos.

A diretora não queria aceitar minha matrícula pelo fato de eu ser surdo. Então, minha mãe, na hora perguntou exaltada: O

QUÊ? VOCÊ NÃO VAI ACEITAR A MATRÍCULA DO MEU FILHO? POIS SAIBA QUE ELE VAI ESTUDAR SIM, É UM DIREITO DELE! (FERREIRA, 2018).

Quando lemos a fala acima, percebemos claramente o empoderamento e a coragem de uma mãe que não aceita uma resposta negativa sobre um direito de seu filho, o direito de estudar de frequentar um espaço formativo. Embora a surdez de Ferreira fosse um impedimento para a aceitação dele na escola, não era o motivo de sua mãe desistir de sua educação. Essa realidade de não aceitação nas escolas faz parte da história dos surdos.

Comecei atrasada, isso porque muito antes minha mãe lutou muito e foi a muitas escolas perto e longe da minha casa, mas nenhuma aceitava surdo. Então, minha mãe se sentiu cansada de tanto tentar encontrar uma escola para mim, e de fato, foi uma procura exaustiva para ouvir sempre a mesma resposta: NÃO! (APOLINÁRIO, 2018).

Tanto a fala de Ferreira quanto a de Apolinário, expõe uma resistência por partes das escolas em aceitar pessoas com surdez, o que corrobora com o que o Woodward (2014) chama de fabricação de identidades, ele afirma que elas, as identidades, são fabricadas por meio da marcação da diferença. E, essa marcação ocorre também por meio de exclusão social. No caso abordado nesse trabalho, identificamos a falta de empatia por parte dos educadores que compõem a escola, existe uma evidente exclusão devido a uma deficiência. Então, cabe a nós uma reflexão: o sujeito surdo é incapaz de aprender pelo fato de não ouvir? Ou alguns educadores são incapazes de ensinar por não quererem sair de sua zona de conforto?

Quando a surdez é uma surpresa para as famílias ouvintes há também um processo de esclarecimentos, entendimentos e aceitação. Quando referimo-nos a entendimento queremos dizer que é preciso entender que o sujeito surdo é um indivíduo cultural, linguístico e identitariamente diferentes dos ouvintes, porém cognitivamente igual. Mas é preciso que as famílias lutem e apoiem junto ao surdo para que ele possa desenvolver-se academicamente.

Minha mãe ouviu falar que em Campina Grande tinha ensino de Libras, na escola ICAE, este é o sinal. Minha mãe aceitou me levar, era todos os dias uma hora de viagem para que eu pudesse aprender Libras. Nessa escola foi meu primeiro contato com outros surdos, eu me sentia com medo e envergonhado, mas minha mãe insistiu que eu ficasse, logo percebi que ali eram todos iguais a mim, quando percebi

isso, me senti tão bem que logo aprendi Libras. (FERREIRA, 2018).

Quando a família por algum motivo, muitas vezes por falta de informação, não cumpre esse papel de agente motivadora, os surdos encontram na própria comunidade surda esse papel familiar.

Quando eu terminei o Ensino Médio, fiquei tentando fazer vestibular, na verdade, eu mesma, naturalmente, não queria fazer, não tinha vontade, mas uma amiga, Niáscara, este é o sinal, mandava e me influenciava a fazer todos os vestibulares que iam abrindo. Ela dizia que eu precisava fazer, eu dizia que não queria que não sentia vontade, mas ela insistia e me obrigava a fazer. Na verdade, logo quando terminei o Ensino Médio, eu nem sabia o que significava a palavra vestibular, minha família também nunca me ensinou ou explicou nada sobre a importância de um vestibular, então eu não sabia de nada (APOLINÁRIO, 2018).

Apolinário embora não tenha tido um estímulo por parte da família de sangue, encontrou na comunidade surda, uma família cultural, uma família de língua que lhe estimulou e conduziu para continuar a estudar. De acordo com Salles (2005) é através da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas. Ou seja, a existência de uma cultura fortalece a identidade. E, é assim que a comunidade surda vem se fortalecendo e se estabelecendo nos espaços sociais.

2. Profissão docente: um desafio a superar, um sonho a se realizar.

Com tantos entraves na vida escolar, ter uma profissão parece ser algo improvável principalmente uma profissão que exige formação de nível superior e pós-graduação. Ao narrarem suas histórias nossos colaboradores revelam uma trajetória escolar muito dolorosa, silenciada e segregadora.

Comecei a frequentar a escola a partir dos 7 anos, eu estudava no INES, uma escola para surdos, e, embora fosse para surdos, havia professores ouvintes bem rígidos que nos ensinavam (obrigavam) a oralização e o português escrito e isso me causava bastante sofrimento (GRAÇA, 2018).

Graça, apesar de frequentar uma escola para surdos passou por situações que causavam bastante sofrimento, pois era obrigada a aprender uma modalidade da língua a qual biologicamente estava impossibilitada, pois o

português como qualquer outra língua oral é oral auditiva, enquanto a língua de sinais é espaço visual. Ressaltamos ainda que “a língua portuguesa não será a língua que acionará naturalmente o dispositivo devido à falta de audição. A criança até poderá vir adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorrem a língua de sinais (QUADROS, 1998, p. 27).”

Quando terminei o Ensino Médio fui tentar fazer vestibular várias vezes, para ser mais precisa, eu tentei dez anos e perdi todos eles, minha reprovação sempre esteve relacionada a redação a escrita do português, e nessa época eu não sabia que existia a Libras, então eu nem sabia Libras nem sabia português. (NINA, 2018).

Nina era muito convicta de seus sonhos, e não aceitava o que o Estado lhe oferecera, um futuro estagnado cognitiva e socialmente. Ela sabia que podia mais. Mesmo após dez tentativas ineficazes de ingresso no Ensino Superior, ela não desistiu até passar. Então, se partirmos da noção de persistência de Chien; Harbin; Goldhagen; Lippman; Walker (2012), que afirmam que a persistência pode ser entendida como uma atitude de coragem e determinação mantida durante um tempo significativo mesmo com todos os contratempores e percalços, ponderamos diante das narrativas dos colaboradores que ser persistente foi uma das características que os ajudaram a superar as barreiras impostas socialmente e a criar estratégias de sobrevivência social e linguística.

Na fala de Nina percebemos as dificuldades para o ingresso no Ensino Superior, mas notamos também que apesar dos desafios, havia sonhos a serem realizados, sonhos que motivavam e alimentavam a esperança de um dia ter o direito de cursar um nível superior e ser profissional qualificada. Com a graduação em Letras Libras, muitos puderam realizar esse sonho.

No ano de 2006, abriu em fortaleza o vestibular para Letras Libras, lá era um dos pólos da UFSC, o vestibular foi em Libras, e eu passei na primeira tentativa. Quando comecei a estudar percebi que a maioria era surdo, havia no curso apenas 3 ouvintes, mas mesmo assim, esses três eram fluentes em Libras. Todos nós, surdos, demos graças a Deus a chegada desse curso, porque tudo acontecia em Libras. A partir dele, podemos conhecer o que era língua, linguística, e acima disso conhecer de fato nossa língua. (GRAÇA, 2018)

Terminei o magistério sonhando com a faculdade, que na verdade, eu queria muito fazer fisioterapia, mas minha

família não tinha dinheiro para pagar, e devido às dificuldades com a língua portuguesa, eu não conseguia passar numa universidade pública. Eu ainda estava esperando o dia que eu iria passar no vestibular, quando uma amiga me falou sobre o curso de Letras Libras, na verdade, eu nem sabia o que era o Letras Libras, ela me explicou e eu resolvi tentar. Então comecei a estudar para o vestibular, para minha surpresa, uma feliz surpresa, passei na minha primeira tentativa, fiquei muito feliz, muito satisfeito. A prova foi realizada em Libras. Em 2008, as aulas começaram, e foi um momento muito especial para mim, porque foi onde vi mais surdos juntos e todos fluentes, havia uma troca constante entre nós de experiências. Aquilo me dava uma satisfação, um prazer visual, era uma emoção diária que eu sentia. Era uma emoção diária porque eu via o esforço dos meus colegas no aprofundamento teórico e acadêmico, e foi um desafio diário para mim durante quatro anos. (FERREIRA, 2018)

Nas narrativas de Graça e Ferreira é notório a satisfação por poder prestar um vestibular, cuja língua utilizada é a língua natural dos surdos, a Libras. Percebemos também a relevância da Libras para o entendimento dos surdos, pois ambos foram aprovados na primeira tentativa, devido ao fato de a prova ter sido aplicada em língua de sinais.

Dessa maneira, eles puderam ingressar no Ensino Superior público de qualidade, o que estava lhes faltando na verdade era acessibilidade para o ingresso. A partir do momento em que houve essa acessibilidade, nossos colaboradores começaram a dar forma aos seus sonhos.

Assim, desde o ingresso, o curso de Letras Libras é linguisticamente acessível, pois a primeira língua do curso é a Libras, o português é utilizado como segunda língua na modalidade escrita. Dessarte, o Letras Libras é um modelo de bilinguismo que existe e funciona com qualidade, entendemos isso quando Ferreira fala do seu prazer visual em ver todos se desenvolvendo academicamente por meio da Libras. Essa graduação permitiu aos nossos colaboradores a realização de seus sonhos.

Durante a faculdade de Letras Libras, eu tinha uma outra perspectiva, eu tinha vontade, na verdade um sonho o de ser professor de universidade. Na época, vários concursos foram abertos e eu estava disposto a viajar para qualquer lugar para fazer esses concursos. (FERREIRA, 2018).

Por isso, acho que tudo isso foi um desafio para mim. Hoje na universidade, me sinto muito satisfeita com a entrada significativa dos meus colegas surdos, num espaço majoritariamente de ouvintes, com o crescimento e visibilidade da

Libras [...] Não foi fácil a minha chegada aqui na universidade, eu precisei sofrer, sofrer, sofrer e sofrer para poder ultrapassar todas as barreiras e chegar aqui. Agora eu me sinto muito satisfeita, muito feliz. Hoje sou professora, como você pode ver, tenho meu espaço, a minha cadeira, o meu birô e, claro, tenho meu trabalho, e meu trabalho não é só com os alunos, trabalho com outros professores, técnicos, tenho algumas extensões, tenho diversas atribuições. Eu tenho orgulho do espaço que eu conquistei, e fico mais feliz quando sei que as pessoas se perguntam como uma pessoa surda pode ser professora universitária. Eu percebo que aqui as coisas têm melhorado com relação a isso, as pessoas já se acostumaram com a nossa presença (NINA, 2018).

Tanto Ferreira quanto Nina demonstram a satisfação de poder torna-se professor, revelam ainda que não foi fácil a caminhada, tampouco a chegada, mas se orgulham pelo espaço que ocupam, sabem que foi fruto de esforços físico e emocional, que mesmo estando num espaço de respeito ainda precisam reafirmar isso quando falam da importância e satisfação do ingresso de mais surdos e a visibilidade da Libras.

A partir dessa fala de Nina destacamos ainda a relevância do trabalho para qualquer sujeito. É nele que passamos grande parte de nossas vidas, e é importante que nos sintamos bem e realizados com ele para que possamos desenvolver um bom trabalho. Costa (2010, p. 67) acrescenta ainda que o trabalho também é “expressão do discurso social, vemos o trabalho como legitimador do lugar de ascensão social”.

“Hoje, enquanto professora de Libras da UFERSA, leciono na disciplina de leitura e produção de texto em Libras, na qual precisam ser trabalhados textos nas duas línguas, em Libras e em português” (excerto da entrevista com a colaboradora SILVA, 2018). Silva, quando relata sobre a disciplina que leciona, se mostra segura, pois embora tenha tido uma escolarização defasada, pôde refazer sua caminhada de maneira mais consciente e tenaz.

Ainda na perspectiva de Costa (2010, p. 67), “o trabalho se mostra como concesso de poder, quem trabalha tem poder, poder de compra, poder de retomar o lugar social, econômico, que lhe fora tirado quando de sua entrada na instituição”. Além desses poderes apresentados por Costa (2010), outro poder que o trabalho traz é a segurança e credibilidade, autoestima e autoconfiança. Nossos colaboradores, ao terminarem suas graduações, entram no mercado de trabalho e não pararam.

Apolinário, Ferreira, Graça, Nina e Silva compõem um grupo que representa o povo surdo e seus enfrentamentos para estudar e tornar-se um

profissional qualificado, além disso, eles compõem um grupo que devido à falta de acessibilidade linguística é muitas vezes impossibilitado de sonhar.

CONSIDERAÇÕES (SEMI) FINAIS

Acreditamos que nossas considerações são (semi) finais por entendermos que essas narrativas ainda nos farão refletir muito sobre nossa perspectiva de ensino para surdo, o nosso olhar sobre o sujeito surdo, o quanto esses sujeitos foram silenciados e hoje, podem compartilhar conosco um pouco de suas histórias de formação.

Dessa maneira, compreendemos a partir das análises das narrativas dos professores surdos um princípio de Franco Ferrarotti (2014) quando afirma que “um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamar-lhe um universal singular”, ou seja, as narrativas não são apenas uma descrição e/ou narração de acontecimentos, mas é sobre tudo uma ação social pelo qual o indivíduo retotaliza, de maneira sintética, sua trajetória de vida e sua relação como o meio que o circunda.

As análises iniciais nos conduziram à elaboração do eixo *Família*: a força propulsora para realização dos sonhos, no qual, encontramos nas narrativas dos professores as experiências que marcaram suas trajetórias de vida, percebemos que elas estão relacionadas as memórias familiar, adversidades de escolarização, impostas por preconceitos e falta de acessibilidade linguística e a falta de empatia por parte dos que compõem a escola; todavia, é na família que está a força para realizar o sonho de continuar a luta para estudar, passar no vestibular, entrar e concluir o Ensino Superior e hoje tornar-se um profissional qualificado. O outro eixo *Profissão docente*: um desafio a superar, um sonho a se realizar, os colaboradores da pesquisa nos mostram que suas histórias podem nos ajudar a pensar o ensino de Libras, a partir de suas experiências enquanto alunos, e hoje, no papel de professores, bem como perceber por outra perspectiva o indivíduo surdo. Perceber o surdo como sujeito de dores, mas de entusiasmo, de sonhos e realizações, silenciados, mas não omissos de suas próprias convicções. As análises das narrativas não se esgotam com este trabalho, mas antes nos inspiram a novas reflexões.

Buscamos com esse trabalho contribuir com possíveis caminhos para trazer olhares empáticos no que diz respeito a educação de surdos, desde o ensino base ao nível superior, percebemos baseado nas narrativas que falta acessibilidade linguística é o principal fator de segregação do surdo.

Quando a família acolhe a língua e a cultura¹ do surdo, ele encontra em casa um espaço acolhedor e forte para sustentá-lo nos dias mais difíceis. No tocante a escola, esta deve ser um espaço de preparação não só de ensino sistematizado dos educandos, mas um espaço inclusivo, acolhedor e potencializador de sonhos, para que independente de suas limitações possam continuar suas trajetórias desejando uma sociedade mais justa e melhor.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO. **Narrativa autoreferencial**, 22 de out. 2018.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. **A educação do surdo ontem e hoje: posição sujeito e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014.

FERREIRA. **Narrativa autoreferencial**, 22 de out. 2018.

GRAÇA. **Narrativa autoreferencial**, 22 de out. 2018.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2015.

NINA. **Narrativa autoreferencial**, 16 de nov. 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico**. Roteiro. Joaçaba, v. 41, n. 1, p.

1 Cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas.

67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 03 de mar. de 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs). *Intervenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Aquisição de Linguagem por crianças Surdas** (Série Atualidades Pedagógicas). In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1998.

SALLES, Heloisa Maria Moreira et al. **Ensino de língua portuguesa para surdo: caminho para prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2005, p.47.

SHÜTZE, Fritz. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa**. In: WELLER, W. e PFAFF, N. *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. v. 1, p 118.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In.: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.